

## **Revitalização de Espaços Pós-industriais: O Turismo como Alternativa de Desenvolvimento Sustentável para as Minas do Camaquã em Caçapava do Sul-RS**

CUNHA, Aline Moraes<sup>1</sup>

BAZOTTI, Leandro dos Santos<sup>2</sup>

### **Área temática: Meio ambiente e desenvolvimento sustentável**

**Resumo:** O presente artigo resulta do paralelo entre as atividades profissionais dos autores e os conhecimentos adquiridos no Mestrado em Desenvolvimento Rural do PGDR- Programa de Pós-Graduação e Desenvolvimento Rural/UFRGS, e no Mestrado em Turismo e Desenvolvimento Regional do PPGTUR da Universidade de Caxias do Sul/UCS. Inicia-se pela contextualização a respeito do turismo, abordando o paralelo prático com o lazer e com o segmento de turismo rural e no espaço rural. Com breve reflexão quanto à estruturação da indústria no Brasil. Passando a experiências exitosas de usos turístico em espaços pós-industriais, e em especial o caso das Minas do Camaquã no município de Caçapava do Sul no Rio Grande do Sul, que busca alternativas sustentáveis de revitalização e desenvolvimento local e regional, através do turismo. Chegando à conclusão quanto à necessidade de reconhecimento do potencial, valorização do patrimônio histórico-cultural e natural e investimentos necessários para a consolidação das iniciativas já fomentadas nas Minas do Camaquã, de forma a consolidar este enquanto um espaço de lazer e destino turístico permanente do estado do Rio Grande do Sul.

**Palavra-Chave:** Turismo; Desenvolvimento Sustentável; Espaços Pós-industriais;

---

<sup>1</sup> Mestre em Desenvolvimento Rural (PGDR/UFRGS); Especialista em Agricultura Orgânica (UCS); Bacharel em Turismo (PUCRS). Professora do curso de Bacharelado em Turismo do Centro Universitário Metodista do IPA. Presidente do Conselho de Administração (gestão 2013/2014) da COODESTUR – Cooperativa de Formação e Desenvolvimento do Produto Turístico - Ltda. Sócia Diretora da PLANTUR – Consultoria em Planejamento Turístico. E-mail: [alinetur@yahoo.com.br](mailto:alinetur@yahoo.com.br)

<sup>2</sup> Mestrando em Turismo (UCS); Especialista em Docência para Educação Profissional (SENAC), Bacharel em Turismo (IPA); Técnico em Guia de Turismo (SENAC); Instrutor de Turismo de Aventura (SETUR RS); Educador ao ar livre (OBB); Sócio diretor da Atlas Alpinismo; Diretor de Meio Ambiente da Associação Porto Alegrense de Escalada Canionismo e Alta Montanha (APECAM); Servidor da SETUR RS; Consultor da MINAS *Outdoor Sports*; E-mail: [atlasalpinismo@terra.com.br](mailto:atlasalpinismo@terra.com.br)

## **1. Introdução:**

O presente artigo resulta do paralelo entre as atividades profissionais dos autores e os conhecimentos adquiridos no Mestrado em Desenvolvimento Rural do PGDR-Programa de Pós-Graduação e Desenvolvimento Rural/UFRGS, e no Mestrado em Turismo e Desenvolvimento Regional da Universidade de Caxias do Sul. As abordagens teóricas aqui trabalhadas trazem dados e informações de aspectos históricos e econômicos que possibilitam a compreensão do cenário econômico atual, de forma a sustentar o planejamento de ações futuras na área de planejamento de espaços de lazer e turismo, visto o caráter totalmente vulnerável do setor aos aspectos econômicos.

Para chegarmos à construção deste paralelo, percorremos um trajeto de compreensão do turismo enquanto fenômeno atual, mobilizador de milhões de pessoas em todo o mundo, até o seu segmento em meio natural e rural, atualmente com grande adesão também em pequenas propriedades da agricultura familiar em todo o Brasil.

Objetivamos com este artigo, apontar alternativas de desenvolvimento sustentável, através de atividades de lazer e turismo, com a revitalização de espaços pós-industriais. Trazemos então experiências exitosas no Brasil e no mundo e como exemplo de iniciativa local, abordamos as Minas do Camaquã, no município de Caçapava do Sul – RS. Local onde a comunidade, representada por ex-mineradores, seus descendentes e moradores do entorno, inicia atividades de lazer e turismo. Porém, sem qualquer apoio institucional ou políticas públicas que colaborassem em seu desenvolvimento, apenas apontavam o potencial local, regional e carências diversas, para o aproveitamento do seu patrimônio histórico-cultural e natural, demandando novos olhares e atitudes, para a sua revitalização e consequente desenvolvimento. Esta situação começa a mudar em 2013, com a implantação do empreendimento *Minas Outdoor Sports*, um parque temático de aventura desenvolvido para oferecer práticas de atividades ao ar livre, educação ambiental, soluções corporativas e pedagógicas, que passa a mobilizar a comunidade a configurar uma nova realidade, inclusive politicamente.

Desta forma, o presente artigo se divide em seis seções, sendo a primeira esta introdução. A segunda traz breve contextualização a respeito do turismo. Na terceira trata-se do paralelo prático entre lazer e trabalho e o turismo e as atividades não agrícolas no espaço rural. Na quarta se aborda a estruturação da indústria. Na quinta seção faz-se a reflexão e apresentação de experiências no Brasil e no mundo, de agregação do lazer e turismo em espaços pós-industriais. E na sexta seção apontamos o

caso das Minas do Camaquã e a sua trajetória na construção de um novo caminho para a sustentabilidade. Para concluir, na sétima e última seção, são apresentadas as considerações finais.

## **2 Contextualização a respeito do turismo:**

Tomando à origem da palavra turismo, partimos da raiz “*tour*” do latim, oriundo do substantivo *tornus* do verbo *tornare*, que aparece documentada pela primeira vez em 1760 na Inglaterra. A etimologia da palavra nos indica a procedência latina “*tornus*” (torno) como substantivo, e “*tornare*” (redondear, tornear, girar) como verbo. (BRASIL, 2006).

Conforme Fuster (1974, p.174), um dos primeiros a conceituar turismo em 1910, foi o economista austríaco Hermann Von Schattenhofen, que definiu turismo como sendo a “soma de operações, principalmente de natureza econômica”, que estão diretamente relacionadas com a entrada, permanência e deslocamento de estrangeiros em um país, cidade ou região.

Em 1929, surgem as conceituações da chamada *Escola Berlinesa*. A partir desta escola o turismo passa a ser entendido como o ato de ir a um local no qual não se tem residência fixa.

Para Fuster (1974, p.174), que se destaca entre os autores contemporâneos, por seu olhar abrangente, o turismo é:

[...] de um lado, conjunto de turistas; de outro, os fenômenos e as relações que esta massa produz em consequência de suas viagens. Turismo é todo o equipamento receptivo de hotéis, agências de viagens, transportes, espetáculos, guias intérpretes que o núcleo deve habilitar, para atender às correntes [...] Turismo é o conjunto das organizações privadas ou públicas que surgem, para fomentar a infraestrutura e a expansão do núcleo, as campanhas de propaganda [...] Também são os efeitos negativos ou positivos que se produzem nas populações receptoras.

Já no século XXI, no Brasil passam a considerar novas interfaces para o turismo, reconhecendo este como uma prática social, assim para Moesch, (2000, p. 127):

Turismo é uma prática social, ou melhor, um campo de práticas histórico-sociais, que pressupõem o deslocamento dos sujeitos, em tempos e espaços, produzidos de forma objetiva, possibilitador de afastamentos simbólicos do cotidiano, coberto de subjetividades, portanto explicitadores de uma nova estética diante da busca do prazer.

E tratando da produção do saber turístico, Moesch (2000, p.12) ressalva que:

O fenômeno turístico interessa à economia enquanto atividade, à sociologia por seus aspectos sociais, à geografia por seu conteúdo espacial, à psicologia pelo comportamento individual, social e de grupo do turista e pela investigação motivacional que lhe é conexas.

Conforme Peter Keller<sup>3</sup> (2000 apud CREATO, 2003, p. 5), o turismo é um fenômeno mal entendido, visto que:

[...] ele não é uma indústria, pois não proporciona transferências de bens e serviços, que seriam produzidos atrás de alguns muros das empresas. O turismo se focaliza sobre os seres humanos que visitam um destino em função de um ou vários atrativos, isto permite que encontrem outros seres humanos que ali vivem e fornecem os bens e serviços exigidos pelos turistas. Os moradores da localidade asseguram os serviços, os empregadores e empregados fornecem uma contribuição essencial a vida turística, mas não podemos entender os recursos sociais, culturais e naturais de uma localidade como mercadorias, e sim como relações humanas.

Porém, Molina (2005, p.21), ressalva que este mal entendido quanto à afirmativa de que o turismo é uma indústria, rechaçada por ele e por aqueles que trabalham na contramão da massificação, deve-se ao uso dos seguintes argumentos:

Exploram-se recursos naturais que se combinam com outros insumos, que também se transformam e finalmente são oferecidos como produto (serviço) padronizado a uma demanda. Neste sentido, ele atua como qualquer indústria. De forma análoga, afirma-se que o turismo é uma indústria por que existe um conjunto de empresas que geram produtos homogêneos.

Sendo que na busca por um turismo que valorize a diversidade e proporcione experiências individualizadas e através da diferenciação de atrativos, produtos e serviços, valorizando e preservando os patrimônios naturais e culturais dos destinos, se reconhece ser o turismo, um conjunto de relações humanas, que amparado por um sistema, ultrapassa as fronteiras econômicas, financeiras e industriais, situando-se numa dimensão que sintetiza o conhecimento científico e as aspirações dos indivíduos. (MOLINA, 2005)

Segundo Steil (2002), o turismo figura o campo das ciências sociais, através da sociologia e antropologia, sendo que a primeira constrói um olhar externo, através de seu papel na organização e no processo social como um todo, enquanto a segunda tenta avaliar a sua dinâmica interna considerando suas dimensões culturais e interculturais.

---

<sup>3</sup> KELLER, P. **Relatório Anual da Organização Mundial do Turismo** – OMT, 2000.

Conforme Steil (2002), a formação de uma área de estudos sobre o turismo nas ciências sociais é antecedida por Veblen, com o livro *The theory of the leisure class* lançado em 1889, considerado primeiro trabalho sociológico sobre o turismo, em que se trata da evolução do lazer no processo de constituição das classes sociais, estabelecendo uma associação entre turismo e lazer

Seguindo na interpretação do turismo no campo da sociologia, Steil (2002), aponta três correntes, de relevante importância, sendo a primeira o “simulacro do real”, a segunda “os estudos da religião através da teoria dos rituais” e a terceira o “turismo e consumo”. Tomamos aqui apenas a terceira corrente, que passa a considerar a relação entre turismo e consumo.

Com o fato das atividades de lazer e turismo se tornarem “objeto de status social”, a partir dos estudos de Campbell (1987) e Urry (1995), passa-se a considerar o turismo como “objeto de consumo” da sociedade moderna.

De acordo com Campbell<sup>4</sup> (1987, apud STEIL, 2002, p.65), inseridos no espírito do capitalismo, “os indivíduos não procuram a satisfação nos produtos, mas através deles. A satisfação nasce da expectativa, da procura do prazer, que se situa na imaginação”. Assim os turistas não consomem os lugares, mas através destes buscam a “realização de um desejo que povoa a sua imaginação”.

Urry (1996) considera que é difícil entender a natureza do turismo contemporâneo, sem avaliar como suas atividades são construídas em nossa imaginação pela mídia. Desta forma o autor, considera o “velho turismo” e o “novo turismo”. O primeiro estaria ligado ao “consumo de massa fordista” que “reflete, sobretudo o interesse dos produtores” e o segundo estaria relacionado ao “consumo diferenciado pós-fordista”, que “caracteriza-se pela prevalência dos consumidores”. Desta forma o velho turismo trabalhava com base em “empacotamentos e padronizações”, enquanto o novo turismo passa a trabalhar de forma mais flexível buscando melhor atender a demanda do mercado consumidor.

Desta forma, Molina (2004), avalia que com a pós-modernidade, as discontinuidades do entorno, a mudança, a transformação e o estilo dinâmico, passaram a ser estruturais da cultura e da sociedade de forma geral, assim impactando de forma particular no turismo. Bem como, a instalação de sistemas mais personalizados tanto de

---

<sup>4</sup> CAMPBELL C. **The romantic ethic and the spirit of modern consumerism.** Oxford, Basil Blackwell. 1987.

produção como de consumo, reconhecendo a mobilidade e a mudança na busca pelo único.

Conforme o Ministério do Turismo (BRASIL, 2009), uma construção mais profissional de políticas públicas para o turismo brasileiro, começou a desenhar-se a partir da década de 1990, com o processo de organização e qualificação da EMBRATUR – Empresa Brasileira de Turismo. Processo que culminou em 2003 com a criação do MTUR – Ministério do Turismo, que orquestrou a reformulação da EMBRATUR, agora Instituto Brasileiro de Turismo, direcionado a ações internacionais e promoveu a criação de duas Secretarias:

a) Secretaria Nacional de Políticas de Turismo - SNPTur, responsável por diretrizes que assegurem a implantação de macroprojetos. Início do ordenamento e aplicação de políticas públicas para o desenvolvimento do turismo, reconhecido como mobilizador de desenvolvimento econômico no país;

b) Secretaria Nacional de Programas de Desenvolvimento do Turismo - SNPDTur, responsável pela implantação de infraestrutura turística, fomento a investimentos e financiamentos, capacitação e qualificação para o turismo.

Neste novo desenho institucional e configuração, é que surge o espaço para a implantação de projetos em comunidades com potencial turístico, e onde surge também o questionamento quanto às formas de intervenção, participação e construção do desenvolvimento rural, novas alternativas, suas ramificações e demandas.

### **3. Paralelo prático**

#### **3.1. Lazer e trabalho**

Para Veblen (1994), o lazer que caracterizou a elite aristocrática pré-capitalista, também vai ser assumido pela nova elite, como principal símbolo de um novo *status*, adquirido pela posse de riquezas. Os burgueses, vão procurar ostentar sua “inatividade” (lazer), num mundo fundado sobre o valor absoluto do trabalho, como um signo de distinção, assim o lazer e o consumo ostentatório se tornam o principal símbolo da classe dominante.

Ainda conforme Steil (2002), o segundo autor a tratar da relação entre lazer e trabalho é o sociólogo Friedmann, em 1956 na França. Assim, considera que este, destaca o papel do lazer como:

experiência criativa de recomposição da personalidade do trabalhador, fragmentada pelo trabalho parcelado e mecânico que se generaliza na França

depois da Segunda Guerra, com a imposição do modelo fordista na produção industrial. (STEIL, 2002, p.53)

Nesta análise, surge pela primeira vez a ideia do “lazer compensatório” como uma variante ao “lazer alienado”, fazendo do lazer e do turismo um fenômeno “diretamente determinado pelo trabalho”.

Para Brasil (2001), o próprio lazer, assim como o turismo, se perpetuou conceitualmente e enquanto prática social a partir do desenvolvimento do capitalismo e da sociedade industrial. Encontrando-se, portanto, relacionado historicamente ao tempo livre resultante da redução da jornada de trabalho. Na realidade, a sociedade industrial foi responsável pela radicalização da separação entre tempo livre e tempo de trabalho. Tratando-os de forma estanque e separada, como se um fosse, exatamente a antítese do outro.

A formulação de Marcellino (1996) não considera que seja necessário realizar uma opção entre dois polos irreconciliáveis, tempo livre ou tempo de trabalho, mas sim, que seja necessário considerá-los em processo de mudança, através da superação da antinomia trabalho e divertimento. O caráter revolucionário desta superação se dá pela possibilidade de promover o encontro com o “novo” e o “diferente”, questionando os valores da estrutura social e das relações entre sociedade e espaço.

Para Marcellino (2000), lazer é como uma cultura capaz de ser vivenciada, praticada, consumida e conhecida durante o tempo disponível, aquele entendido fora das obrigações do trabalho, da família, da religião, da política partidária, e que mantém determinadas características, quais sejam a “livre” adesão e o prazer, e possibilitam condições de descanso, divertimento e desenvolvimento pessoal e social.

Assim o autor reconhece a existência de um tempo disponível, em que o conceito de lazer não se restringe ao tempo livre, mas está associado ao tempo e à atitude. Porém este tempo não pode ser considerado livre, pois nenhuma atividade humana pode ser considerada de livre escolha do indivíduo, visto que os condicionantes sociais, culturais, políticos e humanos influenciam todas as atividades e normas de conduta humanas. (MARCELLINO, 2000)

Trabalhando com Iani (1993), a autora sugere que é como se aos poucos, ou de repente, o mundo se tornasse grande e pequeno, homogêneo e global, articulado e multiplicado. É neste contexto que se alteram as noções de tempo e espaço. A velocidade da mudança promove a perda de referência do concreto e do real,

confundindo início e fim, mesclando trabalho e lazer, fundindo tempo livre e tempo de trabalho.

Para Brasil (2001), a mudança mais extraordinária se relaciona à substituição da matéria-prima. Se na sociedade industrial a matéria-prima se materializa nas peças produzidas, na sociedade pós-moderna as informações substituem o real e o palpável. Transformando a atividade física em atribuição das máquinas, proporcionando ao ser humano o desenvolvimento de atividades intelectuais ou criativas. Assim se passa a analisar a pós-modernidade enquanto categoria que influencia uma cultura e não apenas como um fenômeno econômico.

De Masi (2000), sugere que a pós-modernidade propiciou um retorno a pequenas unidades produtivas ou até mesmo o trabalho em casa. Este retorno dialético aos modelos da produção artesanal da sociedade pré-industrial, garante aos seres humanos as atividades de natureza intelectual e criativa cuja realização não exige um lugar e intervalo de tempo específico. Desta forma, segundo o autor, o tempo livre e de estudo, confunde-se e mistura-se com o tempo do divertimento e de trabalho.

Neste contexto, passamos a compreender o lazer enquanto espaço de desenvolvimento e fruição humana, enquanto espaço de encontro com o “novo” e o “diferente”, enquanto forma democrática de promover qualidade de vida, enquanto tempo livre que se funde ao tempo de trabalho, se re-significa, garantindo aos seres humanos espaços de fruição, divertimento e trabalho, integrados e contíguos.

O turismo, entendido como um dos tempos desta fruição, como traço de união entre a distração e a formação, assume-se como um aspecto da cidadania, da participação cultural, utilizando-se da atividade crítica e criativa, gerando sujeitos historicamente situados e culturalmente identificados.

É importante ressaltar que os espaços de lazer que têm sido vistos apenas como novos espaços para a geração de postos de trabalho e emprego, também devem cumprir a função de oferecer melhoria de qualidade de vida às populações locais e não apenas aos turistas. Possibilitando, conforme Camargo (1992, p.75) a “participação social lúdica”.

### **3.2. Turismo e as atividades não agrícolas no espaço rural**

O processo de mecanização da agricultura ao mesmo tempo em que proporcionou um aumento de produção, garantindo o alimento necessário às populações que se alojavam nos grandes centros para trabalhar nas indústrias que se encontravam

em larga expansão, provocou uma queda na necessidade de mão-de-obra no campo. Esta migração para os grandes centros em busca de colocação na indústria evidencia o início do chamado “êxodo rural”.

De forma diferenciada à expansão do chamado turismo de massa internacional, sujeito e direcionado ao atendimento das “demandas do consumidor”, surge entre outros tipos de turismo mais conscientes o Turismo Rural, buscando novamente e “inicialmente” atender a “demanda dos produtores” por maiores ganhos no meio rural e otimização das estruturas existentes.

No Brasil, tem-se como início do Turismo Rural as atividades desenvolvidas em Lages no Estado de Santa Catarina. Na década de 80, quando após a crise dos anos 70, produtores rurais decidiram a exemplo do que vinha sendo desenvolvido na Europa, em especial na Alemanha, França, Espanha e Portugal desenvolver atividades receptivas de turistas, como forma de agregação de renda. (CUNHA, 2002)

A redução de postos de trabalho no meio rural, inicialmente impulsionou o processo de migração de agricultores para os grandes centros, com o abandono total de suas atividades e ligação com o campo. Posteriormente gerou-se a busca por alternativas de permanência e manutenção, mesmo que parcial, de suas atividades agrícolas e habitação no meio rural. Esta inserção de atividades de caráter não agrícola no meio rural, chamada de pluriatividade, busca a diversificação de oferta de trabalho e geração de renda. (CUNHA, 2002)

Conforme Cavaco (2001), o turismo passa a figurar entre as atividades não agrícolas inseridas na pluriatividade rural, sendo reconhecida como vetor de diversificação das atividades não agrícolas, complementando rendimentos e reforçando a identidade e imagem dos lugares, bem como a autoestima das populações.

Da mesma forma, também considerando o turismo rural como uma destas atividades não agrícolas inseridas na pluriatividade rural, temos como referencial a conceituação de Schneider (2003, p.91), que a define como:

um fenômeno através do qual membros das famílias de agricultores que habitam no meio rural optam pelo exercício de diferentes atividades, ou mais rigorosamente, optam pelo exercício de atividades não-agrícolas, mantendo a moradia no campo e uma ligação, inclusive produtiva, com a agricultura e a vida no espaço rural.

Conforme Zimmermann (1996), o Turismo Rural, é “regional”, tendo a maioria da sua clientela, domiciliada num raio de 150 Km. Desta forma, sendo classificado como “turismo de proximidade”. Porém, a procura nacional e internacional também pode ocorrer e ser desenvolvida, quando as comunidades apresentarem fatores como, *fatos histórico-culturais relevantes*, como roteiros e rotas que abordem ciclos econômicos ou históricos. Como por exemplo, a Rota do Café em São Paulo, ou a Rota do Cacau na Bahia, ou a Rota dos Diamantes em Minas Gerais, as Estâncias e Charqueadas na metade sul do Rio Grande do Sul; *roteiros e rotas integradas*, como a Rota Romântica que integra 09 (nove) municípios da Serra Gaúcha; e *roteiros temáticos* como o Roteiro Agroecológico dos Caminhos Rurais de Porto Alegre, ou os roteiros de “enoturismo” da Serra Gaúcha.

O crescimento desta atividade no meio rural aponta-se diretamente ligado à necessidade do produtor rural em ampliar sua renda, porém esta vem de encontro à crescente demanda de moradores de centros urbanos por maior contato com o meio rural, em busca de resgate de suas origens rurais familiares. Na atualidade, sua diversidade conceitual, e diversificação de oferta de atividades de diferentes segmentos turísticos, como o Turismo Cultural, Ecoturismo e Turismo de Aventura, entre outros, apontam o potencial de desenvolvimento e geração de trabalho e renda complementar e consequente dinamização da economia regional.

Desta forma o turismo se agrega às atividades econômicas vigentes ou já caracterizadas como “ciclos econômicos” históricos de uma região, como potencializador destas atividades, seja através de demonstração de processos produtivos em funcionamento com caráter vivencial, ou meramente expositivo de um período, com caráter histórico pedagógico e interativo. Buscando a valorização de espaços, saberes e fazeres, porém com a diferenciação de ser muitas vezes, uma atividade econômica paralela à atividade econômica principal vigente, de forma a construir um presente viável vislumbrando um futuro mais sustentável e não apenas atuando como “uma janela” para o passado. (BRASIL, 2006)

Entendendo o turismo como alternativa de geração de trabalho e renda no meio rural, possibilitando a permanência do homem rural em atividades ligadas a terra, é que se busca no entendimento da economia atual e seus desdobramentos na sociedade como um todo, condições de acesso a novas alternativas que possam ser adequadas às constantes variações do mundo pós – moderno.

#### **4. Estruturação da indústria**

Conforme Tavares (2000) com a constituição do complexo cafeeiro do centro-sul, o capital mercantil inglês encontrou uma nova fronteira de expansão tardia. Onde já não se tratava de uma aventura de domínio imperial, mais da incorporação do espaço econômico brasileiro, ao mercado internacional.

Entre os excelentes negócios ingleses no Brasil, estavam ferrovias, serviços de utilidade pública, e casas bancárias e de câmbio, investimentos estes espalhados por todo o país.

Este período de transição do século XIX, para o século XX, embasado em financiamentos externos se manteve até a estruturação de uma indústria local, que ampliando a diversificação produtiva do país, se estendeu até a década de 1930, quando passamos da influencia inglesa para a norte-americana. Porém, após a Segunda Guerra Mundial os Estados Unidos, estavam voltados à sua atuação na Europa e Ásia, desviando sua atenção da América Latina. (TAVARES, 2000)

E diferentemente da Inglaterra; “não propunha uma nova divisão internacional do trabalho, que garantisse um papel à periferia na expansão do sistema capitalista internacional”. Segundo a autora, o interesse da nova potência hegemônica, nos países do cone sul, era “manter a nossa vocação agroexportadora”, contida nas regras do livre-comércio, de que eles mesmos eram autores. Buscando fortalecer a “nossa vocação agrícola”, estabeleceram empresas agroindustriais ligadas ao capital norte-americano, como frigoríficos, e moinhos e a retomada de algumas empresas de mineração. (TAVARES, 2000)

#### **5. Lazer e Turismo em espaços pós-industriais**

Segundo Ströher (2000), em todo o mundo, espaços industriais desativados buscam na atividade turística uma alternativa de valorização e aproveitamento dos espaços com a criação também de postos de trabalho e espaços de vivências histórico-culturais e ambientais. A restauração ou reciclagem de espaços e paisagens pós-industriais é hoje uma realidade mundial.

Na Alemanha podemos citar dois exemplos. O primeiro, o Parque Duiburg, uma antiga fabrica de aço fechada em 1985, que foi convertida em parque ecológico. O segundo exemplo alemão, é o Parque Emscher, uma antiga mina de carvão, fechada na década de 60, e que teve também a sua área residencial recuperada e a construção de

novas moradias. Sobre este exemplo podemos citar Holden, 1996, (apud STRÖHER, 2000, p.59):

É este um exercício representativo de regeneração regional baseada em dar importância primordial aos temas ecológicos e meio ambientais, ligando-os ao mesmo tempo, à criação de empregos, melhoria da habitação e à recuperação econômica. E pode servir de exemplo para outras paisagens industriais no resto do mundo.

Da mesma forma outras experiências na França, Portugal, Inglaterra e Estados Unidos, vêm obtendo êxito, com a revitalização de antigas áreas industriais com a implantação de espaços de moradia, lazer e turismo com a integração de museus, hotéis, colônias de férias, atividades esportivas e ecológicas, e histórico-culturais diversas. (STRÖHER, 2000)

Como demonstrativo de experiências exitosas, podemos destacar um concurso realizado na Holanda em 2011, para a revitalização de duas de três grandes torres que eram usadas para tratamento de esgoto (Figura 1). Localizadas na ilha de Zeeburgereiland, próximo a Amsterdam, estão em uma área de expansão imobiliária que abrigará 45 mil pessoas.

**Figura 1: torres como ainda se encontram.**



Fonte: Oecocidades<sup>5</sup> (2011)

---

<sup>5</sup> Para ver mais sobre, acessar: [www.oecocidades.com.br](http://www.oecocidades.com.br)

As propostas recebidas apontavam alternativas para duas das torres, sendo que a terceira já está destinada a salas comerciais. Entre as propostas mais bem aceitas, estavam a que transforma uma das torres em uma parede de escalada e a segunda torre em espaço cultural (Figuras 2 e 3). E a proposta que transforma uma das torres em museu, cinema, teatro e restaurante panorâmico, e a segunda será coberta por vegetação e terá um *playground*, sendo esta a vencedora (Figura 4).

**Figuras 2 e 3: projeto de prédio com parede de escalada e espaço cultural.**



Fonte: Projeto da NL Architects (TORRES, 2012)

**Figura 4. Projeto vencedor**



Fonte: Projeto da NL Architects (TORRES, 2012)

No Brasil, podemos citar exemplos exitosos que fazem crer no papel, do turismo enquanto alternativa de desenvolvimento econômico, e de recuperação de espaços pós-industriais, como a Estação das Docas, espaço cultural inaugurado em 2000, reaproveitando os antigos armazéns do Porto de Belém do Pará e um dos principais atrativos turísticos da cidade na atualidade. Em Porto Alegre a capital do Rio Grande do

Sul, encontramos o Espaço Cultural Usina do Gasômetro, antiga usina termoelétrica da cidade, a Casa de Cultura Mário Quintana, que abrigava o antigo Hotel *Majestic* e os Shoppings Total antiga fábrica da Cervejaria Brahma e DC antiga área das Indústrias Renner, além do projeto de revitalização do “4º distrito” da cidade, antigo bairro industrial, que busca através da valorização de seu patrimônio histórico e arquitetônico, atrair novos empreendimentos e promover a dinamização socioeconômica da região (PMPA, 2011). E com a geração de grande encantamento e atratividade, também podemos indicar os trajetos turísticos ferroviários do Paraná, de Minas Gerais, e Garibaldi, também aqui no Rio Grande do Sul.

Como exemplos de espaços pós-industriais que depositam expectativas no turismo como atividade econômica para um novo período de desenvolvimento, podemos destacar as expectativas sobre a área portuária do Cais Mauá em Porto Alegre e no interior do estado, em especial em cidades que eram cortadas e tiveram muitas vezes sua fundação ligada à rede ferroviária, como as cidades de Candiota e Pedras Altas, onde os relatos históricos a respeito do desenvolvimento que tinham gerado pela instalação das estações férreas, e seus processos históricos de declínio até o abandono destas estruturas, fazem coro e se somam às suas expectativas em relação ao turismo.

## **6. As Minas do Camaquã e a construção de um novo caminho**

Como testemunha da trajetória de expansão industrial com capital estrangeiro no Brasil, e também de exploração especulativa dos recursos naturais, temos no Rio Grande do Sul, o caso das Minas do Camaquã. Esta, através de concessão cedida pelo Império, teve iniciado o processo de exploração do cobre, ouro e outros minérios em menor grau, no município de Caçapava do Sul em 1870, com a abertura da primeira jazida a “jazida dos ingleses”. Aberta e estruturada com capital inglês da empresa *The Rio Grande Gold Mining Limited*, que funcionou até 1887, sendo posteriormente explorada por uma companhia Belga. (HARRES, 2000)

A partir da década de 30 com a meta de substituição das importações, o governo passa a promover o processo de industrialização nacional e diversificação produtiva. Porém somente em 1942, é criada a CBC – Companhia Brasileira do Cobre, e esta passa a ser uma das acionárias das Minas do Camaquã, juntamente com o Governo do Estado e a Laminação Nacional de Metais Ltda, de Francisco Pignatari. (HARRES, 2000)

Após mais de um século de exploração, diversas trocas de exploradores, e períodos de valorização e desvalorização do cobre a CBC encerra as atividades das

Minas do Camaquã, em 1996, alegando o esgotamento do minério de cobre. (HARRES, 2000)

Com seu fechamento, além das estruturas industriais com cavas, ou as popularmente minas, subterrâneas com imensas galerias (figuras 5 e 6) e cavas a céu aberto (figura 7), é abandonada também a vila com cerca de 700 casas, 11 alojamentos, hospital, farmácia, banco, duas escolas, supermercado, posto de gasolina, cinema (clube e igreja. Vila esta que chegou a ter 5 mil moradores e hoje abriga cerca de 500, na sua maioria antigos funcionários da CBC aposentados. (STRÖHER, 2000)

Os aspectos da exploração do minério estão evidentes por toda a parte e conjuntamente com a vila, constitui um grande “museu a céu aberto”, da história do desenvolvimento industrial brasileiro.

**Figuras 5 e 6. Acesso cava subterrânea.**



Fonte: registros da autora (2013)

**Figura 7. Cava a céu aberto.**



Fonte: registros da autora (2013)

A comunidade ainda residente e de entorno, direta e indiretamente envolvidos com a história das Minas do Camaquã, buscam desde 2007, alternativas no turismo para a revitalização da área industrial, contando com a infraestrutura da vila para o receptivo aos turistas. Também iniciou mobilização através de eventos como a 1ª MinasFest, realizada em junho de 2010, e tem seguido anualmente. (DUARTE, 2011)

Na estrutura da Vila foram estruturados dois hotéis, porém com pouco oferecimento de atividades e atrativos locais, visto a precariedade das instalações da Vila e carência de investimentos para a recuperação dos espaços industriais como o engenho e atividades que melhor aproveitem o potencial da cava a céu aberto e das subterrâneas, com segurança para visitantes e prestadores de serviço.

Outras estruturas como o antigo Cine Rodeio e o antigo clube atual CTG – Centro de Tradições Gaúchas, também demandam de manutenção e qualificação de estruturas e serviços, para o seu pleno aproveitamento.

Até que em 2013, a implantação do Minas *Outdoor Sports*, um parque temático de aventura projetado para prática de atividades ao ar livre, educação ambiental, soluções corporativas e pedagógicas, passa a mobilizar a comunidade e a configurar uma nova realidade, inclusive em relação a diálogos políticos. Ofertando uma infraestrutura completa, área para camping e pousada para até 30 hóspedes, instalada em antiga estrutura que abrigava a antiga hospedaria central cozinha das minas. Também disponibiliza de auditórios com capacidade para até 80 pessoas e restaurante anexo Além de ofertar também área para camping tudo pensado e planejado para melhor atender. Entre as atividades ofertadas estão as apresentadas no quadro 1:

**Quadro 1: atividades turísticas e esportivas ofertadas nas Minas atualmente.**

<b>ATIVIDADE</b>	<b>DESCRIÇÃO</b>
<b>Arvorismo</b>	O circuito a 10 metros de altura é um dos mais modernos e mais extensos do Rio Grande do Sul, com 180 metros de comprimento e 9 obstáculos. Indicado para crianças a partir de 1,50m de altura. Elaborado seguindo Normas da ABNT para o Turismo de Aventura, segue sistemas operacionais de última geração, com supervisão de monitores treinados e kit de segurança (cadeirinha, cabo de segurança, mosquetão, polia e capacete).
<b>Caiaque</b>	Praticada na barragem Cel. João Dias, pode ser praticadas por crianças a partir de 10 anos em caiaques duplos acompanhados por condutores ou individuais a partir de 12 anos, obedecendo todos os requisitos de segurança.
<b>Caminhadas</b>	Atividade para toda família, realizada em trilhas leves em que todo visitante pode fazer. Acompanhados por biólogos e condutores onde a tranquilidade é fundamental para apreciar bioma e geologia local.
<b>Canoagem</b>	Atividade ofertada para adultos e crianças com mais de 12 anos na

	barragem João Dias, são mais de 110 ha de pura emoção. Em silêncio podemos observar as revoadas de pássaros que ali abitam. Já identificadas na região mais de 33 espécies de pássaros e 14 espécies de peixes.
<b>Cavalgada</b>	Andar em trilhas a cavalo ou um simples passeio em meio a tanta beleza que as Minas do Camaquã proporcionam nos garantem uma sensação incrível de liberdade. As margens do Arroio João Dias, podemos observar com sorte algumas das 33 espécies de aves que habitam a região.
<b>Ciclismo</b>	Percorrer a região das Minas do Camaquã com bicicletas é algo imprescindível, a beleza de toda região em meio a rochedos de conglomerados que se erguem ao meio de uma região preservada, nos faz sentir integrado ao meio ambiente.
<b>City Tour</b>	Aos poucos vamos voltando ao passado lá em meados de 1865, quando nossos condutores vão descrevendo o dia a dia das Minas do Camaquã. Talvez uma das histórias mais bonitas do Rio Grande do Sul, pioneira na extração de cobre no Brasil. Por períodos ali viveram os Ingleses, Alemães, Belgas e milhares de trabalhadores. O Cine Rodeio com seu Charme imponente único no Brasil construído em madeira.
<b>Escalada outdoor</b>	Parede com 9,60m de altura feita para atividades físicas e para ter o primeiro contato com atividade vertical, indicada para crianças com mais de 6 anos de idade.
<b>Escalada em Rocha</b>	Atividade esportiva desenvolvida com técnico especializado em paredes de conglomerado de até 70 metros de altura. Todos os equipamentos usados na escola possuem certificação internacional e foram submetidos aos mais rigorosos testes de controle de qualidade, assegurando assim total segurança.
<b>Rapel</b>	Os iniciantes acompanhados por instrutores podem optar em fazer uma descida em paredes com 20 metros de altura, já os experientes podem descer 150 metros das paredes da Pedra da Cruz.
<b>Quadriciclo</b>	Passear pelas Minas do Camaquã é algo que tira o folego de cada um, a todo instante uma paisagem mais bonita que a outra. Percorrendo as redondezas, vão surgindo lagos, riachos, minas, trilhas e campos o que torna os passeios inesquecíveis.
<b>Tirolesa</b>	Saindo da Pedra da Cruz, um símbolo de toda a região das Minas do Camaquã a 170 metros de altura e percorrendo 1200 metros de extensão. Passando por cima da prainha e paredão, percorrendo o Arroio João Dias é a mais bela paisagem do Pampa e a maior tirolesa do RS na atualidade. Proporcionando-nos muito prazer, emoção e adrenalina. Indicada para pessoas com até 100 kg.
<b>Visita as Minas do Camaquã e Área Industrial</b>	Aos poucos vamos conhecendo o Centro onde está localizado o Cine Rodeio, construído na década de 1970, todo em madeira que nos lembra do Velho Oeste. E na visita à mina subterrânea, se percorre 100 metros de parte dos 43 quilometro de galerias de onde eram extraídos os minérios, por milhares de trabalhadores que desciam até 300 metros. E a cava ou “mina” a céu aberto, atualmente alagada, possui águas horas verdes, horas azuis que atraem turistas de todas as partes do Brasil.

Fonte: elaboração dos autores com base em Minas *Outdoor Sports* (2013)

Com estas estruturas e atividades, o Minas *Outdoor Sports*, iniciou suas atividades, também ofertando treinamentos empresariais com programas motivacionais, educacionais e de desenvolvimento, direcionados a distintos públicos. Também apoiando eventos locais e promovendo eventos e campeonatos esportivos, recebeu de março a dezembro de 2013, 1.289 visitantes usuários das estruturas e atividades. E de janeiro a março de 2014 já recebeu 517 visitantes. Fluxo este que já instigou a abertura de mais um restaurante e duas lanchonetes e juntamente às duas pousadas já existentes totalizam 121 leitos na comunidade.

No mês de novembro de 2013 ocorreu o I Festival Gaúcho de Esportes de Aventura. Na programação, constavam 12 modalidades esportivas e além da prática amadora das atividades frequentemente ofertadas, também ocorreram alguns campeonatos (mountain bike, dow hill), oficinas técnicas, mostras fotográficas e de equipamentos, oficinas e palestras, e a apresentação de varias bandas musicais. Com toda a divulgação realizada e aproveitando dias de um feriadão, foram recebidos 379 participantes, oriundos de todo o estado e região sul do Brasil.

Porém neste evento, se evidenciou que há ainda muitas melhorias a serem feitas. Melhorias de infraestrutura e capacidade receptiva como a ampliação do número de leitos e dos espaços de alimentação que foram insuficientes. Bem como, de qualificação de mão de obra para o receptivo turístico e para o desenvolvimento de outros produtos alimentícios e artesanais a serem ofertados aos turistas. Aspectos da cadeia produtiva que ampliariam e qualificariam a permanência dos turistas e conseqüentemente seu consumo e recursos gastos na comunidade, dinamizando a economia local.

Da mesma forma evidenciou-se a necessidade de sensibilização da comunidade de Caçapava do Sul e mesmo dos moradores da Vila, quanto à valorização dos espaços e patrimônio público local, pois a falta de entendimento sobre a importância do evento e a depredação das estruturas e lixos dispensados nas vias públicas, pelos locais, chamou a atenção de todos negativamente.

Mesmo com as dificuldades encontradas o evento foi avaliado de forma positiva e as iniciativas tomadas pelo Minas *Outdoor Sports*, foi ganhador do 1º premio Inovação em Turismo da SETUR – Secretaria de Turismo do Estado do Rio Grande do Sul, na categoria Ecoturismo (dentro da chave “*melhores praticas em estruturação de produto*”) com o projeto: Ecoturismo e Turismo de Aventura como alternativa de fomento e desenvolvimento regional. O projeto foi selecionado entre os 75 melhores e ganhou dos 3 finalistas de sua categoria.

A partir destas novas atividades e empreendimentos, novos modelos de funcionamento economicamente viáveis, se colocam como reforço às esperanças de alternativa de desenvolvimento sustentável para a comunidade de Caçapava do Sul em especial da Vila das Minas do Camaquã, para a revitalização daquele complexo industrial e estruturas existentes. Resgatando também, parte da história do Rio Grande do Sul e do próprio país, gerando emprego e renda, e oportunizando um espaço de lazer também para a comunidade, de forma a se consolidar como polo de desenvolvimento regional.

No Rio Grande do Sul, o segmento de Turismo de Aventura no qual se encaixa o nicho de mercado trabalhado pelo Minas *Outdoor Sports*, iniciou no ano de 1996 no município de Três Coroas, através da estruturação da atividade de *rafting*, em um parque municipal, que posteriormente passou a ofertar outras, passando a ser referência em todo o estado. (BAZOTTI, 2012)

Institucionalmente, a nível nacional, para a qualificação e estruturação do Turismo de Aventura, o MTUR- Ministério do Turismo, fez investimentos em todo o país, sendo que destes, R\$ 15 milhões foram aplicados no estado Rio Grande do Sul (ABETA, 2009a). Em instância estadual, a SETUR/RS Secretaria do Turismo do Rio Grande do Sul, também realizou ações voltadas a diminuir a probabilidade de ocorrência de sinistros envolvendo seus participantes, desenvolvendo a legislação estadual de turismo de aventura (BAZOTTI, 2010).

## **7. Considerações finais**

A mudança do modelo de desenvolvimento voltado à substituição de importações e a industrialização interna, para o modelo dos estímulos às exportações, gerou expectativas de melhorias no mundo rural, e ampliação de intercâmbios. Porém esta expectativa não se consolidou, tendo ampliado mercado e oportunidades de lucro, para os países mais competitivos, diminuído a produção de alimentos tradicionais para o mercado interno, aumentado a importação de alimentos e a produção de produtos agroalimentícios para a agroindústria e o processamento de alimentos para o mercado externo.

Desta forma consideramos que este novo contexto internacional globalizado, gerou prejuízos semelhantes e benéficos diferenciados em cada setor. A chamada globalização, se por um lado gerou facilidades de comunicação e integração entre

pessoas através da difusão de novas tecnologias, por outro interferiu nas estruturas sociais de todo o mundo gerando muitas vezes mais perdas do que ganhos.

Como vimos nos textos trabalhados e exemplos citados, ocasionou espaços de degeneração e retração e mesmo decadência tanto no setor industrial quanto no setor produtivo rural e de serviços. Esta retração ocasionou a diminuição de postos de trabalho, ampliando o número de desempregados e a ampliação do êxodo rural gerando o aumento das migrações para centros urbanos. Assim a “globalização” inicialmente carregada de ideologias, na realidade se mostrou mais uma das fases do capitalismo, onde o que se globalizou foi o capital.

Como vimos acima, antigos complexos industriais, estações ferroviárias e áreas portuárias, assim como propriedades rurais, produtivas e também outras que já não possuem mais produção, mas possuem histórico produtivo relevante, buscam no turismo, uma alternativa de atividade econômica que viabilize a utilização destes espaços e possibilite o resgate de seu histórico e a valorização das comunidades de entorno.

Com estes exemplos do setor industrial e produtivo rural, podemos conhecer diferentes espaços no mundo que foram testemunha de períodos de grande desenvolvimento econômico e de declínio, atualmente vivenciando experiências semelhantes na busca pela retomada de atividades econômicas viáveis.

Da mesma forma evidenciamos que a teoria de Urry, pelo “velho turismo” e pelo “novo turismo”, na prática têm andado juntos quando se trata da transformação do “velho para o novo”. Nos casos citados de espaços industriais, propriedades e comunidades que foram parcial ou totalmente desativados e abandonados, restando à suas comunidades de entorno somente a decadência e lembranças de seus períodos áureos, que buscaram nas atividades de lazer e turismo uma alternativa para o reaproveitamento e ativação destes espaços. O velho e o novo passam a constituir um novo “produto turístico”, de forma a ser ofertado ao mercado consumidor, atendendo também a demanda dos “produtores”, aqui agora chamados de “empreendedores”.

No caso das Minas do Camaquã, o que se vê é uma vila surpreendentemente estruturada no meio do Pampa, outro patrimônio cultural e natural do Rio Grande do Sul, a ser melhor trabalhado e desenvolvido. Que apesar das iniciativas de empreendedores locais, continuam aguardando a atenção dos órgãos oficiais e os investimentos necessários, para se tornar um atrativo turístico do RS, e foco de desenvolvimento regional, através da revitalização dos espaços, com uma atividade

sustentável que ofereça perspectivas de consolidação ao longo do tempo, aproveitando o que lhe há de sobra como a história, a natureza e a cultura de seu povo.

As atividades de turismo e esportes de aventura implantadas pelo Minas *Outdoor Sports*, vem confirmar o imenso potencial local para a consolidação das Minas enquanto espaço de contemplação e lazer recreativo, mas que também podem se enquadrar enquanto atividades de diferentes segmentos turísticos presentes no espaço rural, como o Ecoturismo, Turismo de Aventura, o Cultural, o Científico e outros de acordo com a integração promovida com atrativos do próprio município e região.

A otimização destas estruturas, testemunhas da política de um período e carregadoras dos anseios por desenvolvimento de suas comunidades de entorno, e a sua constituição enquanto espaços de consumo turístico apontam a busca por novas alternativas de desenvolvimento econômico real e que o seja sustentável.

No chamado turismo de massa, que movimenta milhões de pessoas anualmente em todo o mundo, aponta-se o fato, que se acomodam em toda a parte do mundo sem considerar qualquer aspecto cultural local, buscando padronizações de produtos e serviços. No turismo em espaços rurais o que se busca é justamente o diferencial, com preservação e valorização das culturas. Atuando sob os conceitos e princípios deste segmento, se encontram as ferramentas reais para a constituição do turismo como atividade sustentável.

Assim sendo, o maior conhecimento a respeito do desenvolvimento histórico, econômico e social de espaços a serem trabalhados, se faz essencial para o planejamento e implantação de novas atividades econômicas no meio rural, e otimização destas em espaços urbanos, buscando pensá-las de forma a atender com responsabilidade, antigos anseios, expectativas e sonhos. Pois assim como a exploração de muitos destes espaços industriais, teve seu auge e declínio, também a atividade turística pode ser mal sucedida, gerando prejuízos, impactos e frustrações e devemos aprender com os erros e acertos aqui apontados, para a construção das alternativas de desenvolvimento sustentável que buscamos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSOCIAÇÃO DE EMPRESAS DE ECOTURISMO E TURISMO DE AVENTURA – ABETA; MINISTERIO DO TURISMO. Manual de boas práticas de *rafting*. Belo Horizonte: Editora dos autores, 2009a. (Série Aventura Segura). Disponível em:

<[http://www.aventurasegura.org.br/wp-content/uploads/2012/08/Brasil\\_ABETA\\_Vol\\_10\\_-\\_Rafting\\_Manual\\_Boas\\_Praticas.pdf](http://www.aventurasegura.org.br/wp-content/uploads/2012/08/Brasil_ABETA_Vol_10_-_Rafting_Manual_Boas_Praticas.pdf)> Acesso em: 23 de maio de 2013.

BAZOTTI, L. S. Cronologia **do turismo de aventura no Rio Grande do Sul. IV** Seminário de Pesquisa em Turismo do Mercosul (SeminTUR). Universidade de Caxias do Sul, RS, Brasil, 2012.

BAZOTTI, L. S. Turismo de aventura no Rio Grande do Sul. II Seminário de Pesquisa em Turismo do Mercosul (SeminTUR). Universidade de Caxias do Sul, RS, Brasil, 2010.

BELLUZZO, L. G. Dinheiro e as transfigurações da riqueza. In: TAVARES, M.C. & FIORI, J.L. (org) **Poder e Dinheiro: uma economia política da globalização**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

BELLUZZO, L. G. Finança global e ciclos de expansão. In: FIORI, J. L. (org) **Estados e moedas no desenvolvimento das nações**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

BRAGA, J. C.S. Financeirização global: o padrão sistêmico de riqueza do capitalismo contemporâneo. In: TAVARES, M.C. & FIORI, J.L. (org) **Poder e Dinheiro: uma economia política da globalização**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

BRASIL, E. O conceito de lazer e suas implicações no turismo da pós-modernidade. Monografia de Graduação do Curso Superior de Turismo, FAMECOS/PUCRS, Orientadora: Mestra Marutschka Martini Moesch, Porto Alegre, 2001.

BRASIL, E. CUNHA, M. A. **Práticas de Hospitalidade para Serviços Turísticos**. PMPA, MINTUR, COODESTUR. Porto Alegre, 2007.

BRASIL, Ministério do Turismo. *Secretaria de Políticas de Turismo – Conceitos básicos e apoio á comercialização de produtos segmentados/Ministério do Turismo* – Brasília: o Ministério: Florianópolis: SEAD/UFSC, 2009;

\_\_\_\_\_. Ministério do Turismo. *Secretaria de Políticas de Turismo – Estruturação de produto turístico/Ministério do Turismo* – Brasília: o Ministério: Florianópolis: SEAD/UFSC, 2009;

\_\_\_\_\_. Ministério do Turismo. **Segmentação do Turismo: Marcos Conceituais**. Brasília, 2006;

\_\_\_\_\_. Ministério do Turismo – MTUR. Ministério do Desenvolvimento Agrário - MDA, **Revista Panorama do Turismo Rural e Agricultura Familiar**, 2006;

- CAMARGO, L. O. **O que é Lazer**. Coleção Primeiros Passos. São Paulo. Editora Brasilienses. 1992.
- CANO, W. América Latina: do desenvolvimento ao neoliberalismo. In: FIORI, J. L. (org) **Estados e moedas no desenvolvimento das nações**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.
- CAMPBELL, C. **The romantic ethic and the spirit of modern consumerism**. Oxford, Brasil Blackwell, 1987.
- CAVACO, C. Regionalização do turismo em áreas rurais a partir da oferta. In: ALMEIDA J.A. & SOUZA M. (org.) **Turismo Rural: patrimônio, cultura e legislação**. 1.ed. Santa Maria: FACOS/UFSM, 2006.
- CREATO. **Oficina de Roteiros. Manual de operações**. 10ª edição, editora (s.n.), Belo Horizonte, 2005.
- CUNHA, A. M. **O artesanato, suas estratégias de comercialização e constituição enquanto produto turístico da agricultura familiar em Pelotas, Pedras Altas e Jaguarão - RS**: os casos do Ladrilã e das Redeiras. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Rural) - Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural, Faculdade de Ciências Econômicas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.
- CUNHA, A.M. **Turismo Rural: limites e possibilidades**. Monografia (Graduação em Bacharelado em Turismo) – FAMECOS –Faculdade dos Meios de Comunicação Social, PUCRS – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2002.
- DE MASI, Domênico. **O Ócio Criativo**. Rio de Janeiro. Editora Sextante. 2000.
- DE MAIS, Domênico. **Desenvolvimento sem Trabalho**. São Paulo. Editora Esfera. 1999.
- DUPAS, Gilberto. **O mito do progresso: ou progresso como ideologia**. São Paulo: Editora da UNESP, 2006.
- FIORI, J. L. Globalização, hegemonia e império. In: TAVARES, M.C. & FIORI, J.L. (org) **Poder e Dinheiro: uma economia política da globalização**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.
- FIORI, J. L. **Introdução: de volta à questão da riqueza de algumas nações**. In: FIORI, J. L. (org) *Estados e moedas no desenvolvimento das nações*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.
- FRIEDMANN, Georges. **O Trabalho em Migalhas**. São Paulo. Editora Perspectivas. 1983.

FUSTER, Fernandez. **Teoria y técnica del turismo**. 4 ed. Madrid: Nacional, 1974.

LAFARGUE, Paul. **O Direito à Preguiça**. São Paulo. Editora Hucitec/Unesp. 1999.

MARCELLINO, Nelson Carvalho. **Estudos de Lazer: Uma introdução**. Campinas. Autores Associados. 2000.

MARCELLINO, Nelson Carvalho. **Lazer e Educação**. Campinas. Editora Papirus. 1987.

MINAS DO CAMAQUÃ: [www.visiteminasdocamaqua.com.br](http://www.visiteminasdocamaqua.com.br); disponível em 05 de abril de 2011.

MOESCH, Marutschka Martini. **A Produção do Saber Turístico**. São Paulo. Editora Contexto. 2000.

OLIVEIRA, Paulo de Salles. **Tempo Livre, Trabalho e Lutas Sociais**. São Paulo. Editora Reflexão. 1986.

RUSCHMANN, Dóris Van Der M. *Turismo Rural e Desenvolvimento Sustentável*. In: ALMEIDA, Joaquim Anécio. FROEHLICH, José Marcos. RIEDL, Mário (org): **Turismo Rural e Desenvolvimento Rural Sustentável**. Santa Maria: centro de Ciências Agrárias, 1999.

SAMPAIO JR, Plínio A. O impasse da formação nacional. In: FIORI, J. L. (org) **Estados e moedas no desenvolvimento das nações**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

SCHNEIDER, Sérgio; FIALHO, Marco Antonio Verardi. Atividades não-agrícolas e turismo rural no Rio Grande do Sul. In: ALMEIDA, Joaquim Anécio; RIEDL, Mário (org.): **Turismo rural – ecologia, lazer e desenvolvimento**. Bauru - SP: EDUSC, 2000.

SCHNEIDER, Sérgio. A pluriatividade na agricultura familiar. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003.

STEIL, Carlos Alberto. O turismo como objeto de estudos no campo das ciências sociais. In: RIEDL, Mário; ALMEIDA, Joaquim Anécio; VIANA, Andyara Lima

Barbosa(orgs.). *Turismo Rural: Tendências e Sustentabilidade*. Santa Cruz do Sul:EDUNISC, 2002.

STRÖHER, Eneida R. 2000. Vila Minas do Camaquã: uma visão da arquitetura. In: RONCHI, L.H. & LOBATO, A.O.C. (org). Minas do Camaquã: um estudo multidisciplinar. São Leopoldo: Ed. UNISINOS, 2000.

TAVARES, M.C. Império, território e dinheiro. In: FIORI, J. L. (org) *Estados e moedas no desenvolvimento das nações*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

URRY, John. O Olhar do Turista:lazer e viagens nas sociedades contemporâneas. São Paulo. Studio Nobel & SESC, 1996.

VEBLEN, T. *The theory of the leisure class*. New York, Dover Publications, 1994.

ZIMMERMANN, Adonis. *Turismo rural; um modelo brasileiro*. Florianópolis: Ed. Do Autor, 1996.

OECOCIDADES: [www.oecocidades.com.br](http://www.oecocidades.com.br); disponível em 06 de abril de 2011.